

Greve dos farmacêuticos fecha as farmácias, na Itália



Farmacêutico Gustavo Eboli

Por Gustavo Baptista Éboli,
Ex-Presidente do Conselho Federal de Farmácia
e integrante da Comissão Editorial deste órgão.

Estava, na Itália, recentemente, quando tive a oportunidade de presenciar um notável protesto dos farmacêuticos italianos, com ampla divulgação pela imprensa. O movimento culminou com uma greve que levou ao fechamento das farmácias, em todo o País.



O impressionante é que, se os farmacêuticos param, as farmácias fecham. Isso se manifesta em manifestações públicas e, em algumas cidades, na rua, confrontos com a polícia.

No centro de Roma, houve o bloqueio de suas ruas principais pela manifestação que se dirigiu até o Ministério da Saúde. O cartaz que anunciava a greve estava visível na fachada das farmácias, por toda a Itália. Diz: *Quarta-feira, 26 de Julho, esta farmácia fecha, para protestar contra o Ministro Bersani. Pedimos ao Governo e ao Parlamento que não destruam um sistema que funciona e que tutela a tua saúde. O Governo quer*

transformar: 1) o medicamento num produto de grande consumo; 2) o farmacêutico num simples vendedor; 3) a farmácia em um ponto de venda submisso a uma multinacional.

As farmácias contestam porque: 1) o Governo persegue a política do desconto, em vez da política da diminuição de preços; 2) o farmacêutico deve estar a serviço de tua saúde e não dos interesses econômicos de um potente grupo comercial; 3) a farmácia deve continuar garantindo um serviço indispensável, onde quer que esteja, mesmo nos centros menores. A farmácia não deve acabar triturada pelos supermercados, como tantos pequenos negócios de bairro que fecharam. Renuncio, hoje, ao meu trabalho, para garantir amanhã a tua saúde.

Abaixo, o cartaz trazia, ainda, escrito: *Se esta farmácia está de plantão, permanece aberta, mas participa do protesto.*

Em realidade, há um conflito de interesses entre os farmacêuticos considerados “independentes”, que administram as suas farmácias, e os farmacêuticos “dependentes”, que são aqueles em quantidade, cada vez maior, que buscam trabalho.

O fenômeno multiplica-se pela Europa. Há poucos anos, na Espanha, houve grandes manifestações destes, para que houvesse a liberação de mais espaços para novas farmácias. Por outro lado – e isso foi abordado pela PHARMACIA BRASILEIRA -, em Portugal, estão ocorrendo profundas mudanças, marcadas pela desregulamentação no setor.

Na Itália, os supermercados, na iminência da aprovação dessa

liberação proposta pelo Ministério da Saúde, “caçam” farmacêuticos. A Coop é uma das grandes redes de distribuição italiana. Diz o jornal “Il Messaggero” em seu site, na Internet: “És farmacêutico, queres trabalhar na Coop? Então, clique aqui”.

A Coop, ao mesmo tempo, prometia descontos entre 25 a 50% com relação aos preços das farmácias. Não é, portanto, por acaso que os farmacêuticos proprietários hostilizaram o projeto do Governo, mas a proliferação de graduados sem oportunidade provoca uma desestabilização na opinião pública, e isso tudo conflita politicamente o destino da farmácia como posto de vanguarda na atenção à saúde com a dispensação exclusiva dos medicamentos.

Observem que somente a Coop tem 1.297 pontos de vendas, na Itália, e pretende desenvolver, em seus estabelecimentos, “ângulos de medicamentos”, anunciando de dois a três farmacêuticos para atendê-los.

Considerando-se o objetivo comercial desses estabelecimentos, o grande temor dos profissionais de saúde italianos será o aumento no consumo de medicamentos. O que resta na imagem da grande polarização, infelizmente, não foi apenas a força de mobilização e de determinação dos farmacêuticos, mas a perspectiva de que os interesses econômicos venham a prevalecer, efetivando a dispensação como um simples ato de venda.